

Aula – dia 18 de setembro

O Conjunto das Variedades Africanas de Português; a Hipótese das Línguas Parcialmente Reestruturadas

Profa. Dra. Márcia Santos Duarte de Oliveira

1.1. Variedades Africanas de Português

- ⊙ O português vem sendo descrito como uma língua extremamente homogênea em que só duas variedades têm sido reconhecidas: português europeu – PE – e português brasileiro – PB. Ver – Inverno (2005: 12)
- ⊙ O Conhecimento Difundido acerca das Variedades de Português Faladas na África: Castilho (1994: 3234-3236) na ‘Enciclopédia de Língua e Linguística’ – Asher (org.) (1994) – não se refere a nenhuma variedade africana de português. O autor deixa crer, na entrada sobre o ‘português’, na Enciclopédia, que não existam diferenças entre essas variedades e o PE (que para Castilho é a norma padrão para o português na África) – ver Castilho (1994: 3235).
- ⊙ Portanto, na ‘Enciclopédia de Língua e Linguística’, desconsideram-se variedades de fala, nem ao menos referidas genericamente, como: Português Angolano/ Português Moçambicano/ Português Sãotomeense/ Português de Guiné Bissau/ Português Caboverdiano.
- ⊙ **CPLP – Comunidade dos Países de Língua Portuguesa** – A CPLP foi criada em 17 de Julho de 1996 por Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe.
- ⊙ No ano de 2002, após conquistar a independência, Timor-Leste foi acolhido como país integrante da ACPLP.
- ⊙ **PALOPs** – Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa: Angola, Moçambique, Guiné Bissau, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe.

Membros PALOP

- ⊙ Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Angola, Moçambique, Guiné Equatorial (já reconhecida como uma país como tendo o português com língua oficial)



wikipedia

Pesquisas Crescentes Atestadas na Literatura Apontam para Distintas Variedades de Português nos PALOP– excertos de: (1) Figueiredo & Oliveira (no prelo: introdução); (2) Oliveira, Baio & Injai (2013: 134); (3) Couto & Embaló (2010: 31); (4) os grifos e inserção dos títulos dos países são nossos.

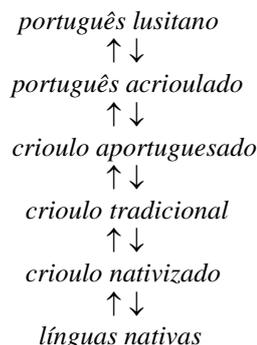
CABO VERDE

- ⦿ Em Cabo Verde não se falam línguas africanas, mas a língua crioulo e o português.
- ⦿ Segundo Lopes (2012: 1.1.):
“A situação sociolinguística de Cabo Verde é a de diglossia, tal como apontado, entre outros, por Veiga (2004) e Lopes (2011a).”
 - **Diglossia** – de modo geral, é uma situação relativamente estável da língua, em que se atestam vários dialetos primários (que podem incluir um padrão ou padrões regionais). No entanto, há um muito divergente, altamente codificado. Esse é de uma variedade superposta; é veículo de um grande e respeitado corpo de literatura escrita, que é aprendido em grande parte pela educação formal e é usado para a maior parte dos fins escritos, formais e falado, mas não é usado por nenhum segmento da comunidade para uma conversa normal.
- ⦿ Figueiredo e Oliveira (no prelo: introdução, os grifos são nossos) apontam ainda o trabalho de:
“[...] Jon-And (2009), para o português L2 do Mindelo, Cabo Verde.”

GUINÉ BISSAU

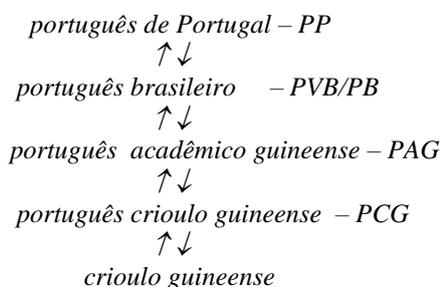
- Acerca da complexidade linguística em Guiné Bissau, observe o exceto abaixo de Oliveira, Baio & Injai (2013: 131):
Segundo Couto e Embaló (2010, p. 28), em Guiné-Bissau são faladas [...] cerca de 20 línguas, muitas delas pertencentes a famílias diferentes, outras tão aparentadas que poderiam ser classificadas como dialetos de uma mesma língua. [...] Estas línguas coabitam com o crioulo, língua veicular e de unidade nacional, e com o português, língua oficial, ambas resultantes da colonização portuguesa.
Ainda, segundo Couto e Embaló (2010, p. 28-29), as principais línguas faladas no país são: 1. fula; 2. balanta; 3. mandinga; 4. manjaco; 5. papel; 6. felupe; 7. beafada; 8. bijagó; 9. mancanha; 10. nalu. Para os autores, a porcentagem aproximada de falantes dessas línguas difere entre diferentes bases de dados. No entanto, a sua ordem de apresentação (como o fazemos aqui de 1 a 10), expressa sua importância numérica no país em todas as bases de consulta.
- Couto & Embaló (2010: 31) afirmam:

[...] o crioulo e o português resultam uma espécie de continuum que vai desde variedades do português lusitano, passando por variedades de crioulo aportuguesado e crioulo tradicional, basilectal, até as línguas nativas, étnicas, como se pode ver no quadro a seguir.



- Oliveira, Baio & Injai (2013: 134) revisitam o Contínuo de Couto & Embaló (2010: 31), propondo o:

(1) Contínuo Português Guineense L₂



[...] L₂ é empregado como um termo metalinguístico, pois em Guiné Bissau, a aquisição do português pode se tratar, em alguns casos, de uma L₃. Ex: um guineense pode ter como L₁ o balanta, como L₂ o crioulo e como L₃ o português” – Oliveira, Baio & Injai (2013: 134, nota 6)

SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

- ⊙ A situação do português em São Tomé e Príncipe é complexa, como é complexa a situação linguística neste país. Começemos por apontar as línguas crioulas:

Ia. Línguas Crioulas Faladas no País – cf. Antunes (2007: 56,57); Santos e Silveira (2012: 79)

1. Sãotomeense (ou Forro)
2. Principense (ou Lung'iê)
3. Angolar (ou Lungwa Angola)
4. Caboverdiano (ou Crioulo de Cabo Verde)

Ia. Variedades de Português Atestadas no País

- ⊙ A situação do português falado em São Tomé pode ser, até então, descrita em quatro variedades:

1. português dos tongas – português com substrato Níger-Congo (ver Figueiredo 2010: 31). OBS: segundo o Professor Gabriel Antunes, em comunicação pessoal, o português dos tongas não é mais falado no país.¹
2. português de Almojarife – português com substrato crioulo (santomeense) (ver Figueiredo 2010: 59)
3. português vernacular de São Tomé (PVS) – que se contrapõe ao português normatizado (europeizado) das escolas – ver cf. Santos e Silveira (2012: 79); Figueiredo (2010: 108-112)
4. português falado pelos caboverdianos – a ser estudado
5. português falado na ilha de Príncipe – a ser estudado

- ⊙ [...] Baxter (2002, 2004, 2009), para o português dos tongas [...] Figueiredo (2008, 2009a, 2009b, 2010a, 2010b, 2012), para o português reestruturado da comunidade crioula e bilingue [...] de Almojarife [...] – Figueiredo & Oliveira (no prelo: introdução)

Português dos Tongas – substrato Níger Congo (Banto)²

- ⊙ Chamamos ainda a atenção para os trabalhos de Jean-Louis Rougé sobre os tongas (São Tomé) por meio de citação do autor – Rougé (2008: 65):
A questão da comunicação nas atuais plantações de cacau e de café e as línguas aí faladas não tinham merecido nenhum estudo até minha comunicação no colóquio sobre crioulos portugueses em Lisboa em 1991 (Rougé, 1992).
- ⊙ Quando os portugueses introduziram o cacau e o café na ilha ao final do sec. XIX, a escravidão vivia seus últimos dias. Contrariamente ao previsto, os antigos escravos (forros e angolares) abandonaram em massa os proprietários agrícolas.
- ⊙ Surgem os contratados: importação de trabalhadores do continente (primeiramente de: Gana, Libéria, Camarões; depois de: Angola, Moçambique e Cabo verde).
- ⊙ São os filhos de serviçais moçambicanos ou angolanos, “imigrantes de segunda geração”, que são chamados de **tongas**.
Ver: Rougé (2008: 64, 65)
Baxter (2002), (2004)

Português de Almojarife – substrato Crioulo São Tomeense (Forro)

- ⊙ Almojarife é uma baía que se situa na zona este da ilha de São Tomé que foi habitada por uma pequena comunidade em sua parte sul.
- ⊙ Em 1961 eram cerca de 150 forros (descendentes de mestiços dos primeiros escravos que chegaram à posição de homens livres e que nos princípios do sec. XIX chegaram a ser a aristocracia da ilha). Lutando com problemas de subsistência, a comunidade precisa escoar o pescado e produtos agrícolas, como o milho, por exemplo. Isso os coloca em um ‘contínuo linguístico’, diferente dos Tongas de Monte Café.

Ver – Figueiredo (2008: 24)

PVS – substrato Crioulo São Tomeense (Forro)/ Angolar (?)

Português Falado pelos Caboverdianos em São Tomé – substrato Crioulo Caboverdiano e Forro (?)

¹ O fenômeno de urbanização muito possivelmente é o fator que trouxe à extinção essa variedade de português, falado nas plantações ‘fechadas’ de Monte Café.

² A inserção ‘banto’ é nossa.

MOÇAMBIQUE

- ⊙ “[...] tentativas para a elaboração de uma gramática descritiva do português de Moçambique – ver Gonçalves (1997); Gonçalves *et alii* (1998); Gonçalves & Stroud (1998); Gonçalves (2010) [...] Jon-And (2002) para o português L2 do Maputo, Moçambique [...]”
- ⊙ Não daremos grandes enfoques ao ‘caso Moçambique’ neste nosso curso. Não temos empreendido pesquisas no país e, o que é mais importante a ser ressaltado: em Moçambique o inglês vem sendo cada vez mais implementado como ‘oficialidade’ e não a língua portuguesa. Também a posição geográfica de Moçambique – direcionado para o ‘Pacífico’ – distancia este país dos outros países PALOPs – voltados para o ‘Atlântico’.

ANGOLA

- Trataremos em aula especial

1.2. O Modelo de Línguas Reestruturadas

- Reinecke (1937) introduz o modelo de línguas reestruturadas’ ao apontar, em sua tese de doutoramento, o afrikaans (AFR) como uma língua semi-crioula, sugerindo ainda que uma categoria de língua reestruturada tivesse sido desenvolvida no Brasil, em Cuba, nos países caribenhos de fala hispânica e no sudeste dos Estados Unidos ³.
- Holm (2012: 399) afirma que, desde os idos da década de 90, o modelo de ‘línguas parcialmente reestruturadas’ vem sendo explorado como uma maneira de explicar o desenvolvimento de línguas apontadas por Reinecke como ‘reestruturadas’.
- Em (2004), Holm ‘refina’ o conceito de “reestruturação parcial” e ratifica as seguintes línguas como pertencentes a esse quadro de línguas: (i) Português Brasileiro Vernacular – PVB –; *Nonstandard Caribbean Spanish* (Espanhol Caribenho Não Padrão) – ECNP; (iii) *African American English* (Inglês Afroamericano) – IA; (iii) *Afrikaans* (AFR); (iv) *Vernacular Lects of Réunionnais French* (Francês Vernacular de Reuniões) – FVR.
- Holm & Inverno (2005), entre outros, acrescentam o português falado em Angola – PA – ao grupo das parcialmente reestruturadas.
- Figueiredo (2010) acrescentou o português de Almojarife ao grupo das parcialmente reestruturadas.
- Para Holm (2004), essas línguas reestruturadas a partir do português, espanhol, holandês e francês, respectivamente, são variedades distintas das variedades além-mar (línguas não reestruturadas) do português, espanhol, inglês, holandês e francês:

[...]Exemplo: o inglês de Ontário, o holandês extinto de Nova Iorque e Nova Jersey, o português da Madeira, o espanhol do Chile ou o francês de Quebec [...] - Holm (2004: 135, traduzido)

- Holm (2004) também afirma que as línguas reestruturadas são diferentes das línguas crioulas (também cunhadas de ‘línguas completamente reestruturadas’⁴):

[...] Exemplo: crioulo inglês da Guiana, o extinto crioulo holandês das Ilhas Virgem, o crioulo português de Guiné Bissau, o crioulo espanhol Palenquero ou o crioulo francês da Maurítânia [...] - Holm (2004: 135, traduzido)

³ Ver Reinecke (1937: 559; 61) respectivamente.

⁴ Ver Holm (2004: xiii).

- Estudos como Holm (2004) vêm ressaltando as vantagens de se estabelecer uma tipologia geral de línguas parcialmente reestruturadas por meio de comparações morfossintáticas através de fronteiras lexicais.
- Tem-se ido mais adiante às comparações entre línguas reestruturadas ao se atentar cada vez mais para o fato de que línguas parcialmente reestruturadas apresentam estruturas similares às daquelas das línguas crioulas – como se atesta em Holm (2012).

Referências Bibliográficas

Antunes, G. Araújo. 2007. Empréstimos recentes do português, variação fonética e a sílaba na língua são-tomeense da ilha de São Tomé. *PAPIA* 17, p. 55-66.

Baxter, Alan Norman. 2002. Semicreolization? – The restructured portuguese of the tongas of São Tomé – a consequence of L1 acquisition in a special contact situation. *Journal of Portuguese Linguistics* 1: 7-39.

Baxter, Alan Norman. 2004. The development of variable NP plural agreement in a restructured african variety of portuguese. In Geneviève Escure & Armin Schwegler (eds.), *Creoles, contact, and language change: linguistic and social implications*, vol. 27, 97-126. Amsterdam: John Benjamins.

Baxter, Alan Norman. 2009. A concordância de número. In Dante Lucchesi, Alan Norman Baxter & Ilza Ribeiro (eds.), *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, p. 269-293.

Castilho, Ataliba T. 1994. Portuguese. In: Asher (ed.). *The encyclopedia of language and linguistics*. (Vol. 1). Oxford, New York, Seoul and Tokyo: Pergamon Press.

Couto, Hildo H.; Embaló, Filomena. 2010. Literatura, língua e cultura na Guiné-Bissau – um país da CPLP. *PAPIA* 20.

Figueiredo, Carlos Filipe Guimarães. 2008. A concordância variável no sintagma nominal plural do português reestruturado de Almojarife (São Tomé). *PAPIA* 18: p. 23-43.

_____. 2009b. *Concordância plural variável no sintagma nominal do português reestruturado de Almojarife: motivações morfofonológicas*. Joint Summer Meeting of the Society of Pidgin and Creole Linguistics (SPCL) and the Associação de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola (ACBPLE). Universidade de Colónia, Alemanha, 11-15 de Agosto.

_____. 2010a. *Paralelismos morfofonológicos em variedades do grupo Níger-congo atlântico, crioulos atlânticos de base portuguesa e variedades africanas e brasileiras de português: transferência ou trajecto universal de aquisição*. 10ème Colloque International de l' Associação de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola (ACBPLE). Llacan, Campus CNRS de Villejuif, Paris, France. 1-3 de Julho.

Figueiredo, Carlos Filipe Guimarães. 2010b. *A concordância plural variável no sintagma nominal do português reestruturado da comunidade de Almojarife, São Tomé): desenvolvimento das regras de concordância variáveis no processo de transmissão-aquisição geracional*, vols. 1 e 2. Dissertação de doutorado. Macau: Universidade de Macau - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Departamento de Português.

_____. 2012. Variável extralinguística escolaridade: influência na marcação plural do sintagma nominal do português reestruturado de Almojarife, São Tomé. *Papia – Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares* 22(1): 41-76.

Gonçalves, Perpétua. 1997. Tipologia de “erros” do português oral de Maputo: um primeiro diagnóstico. In Christopher Stroud & Perpétua Gonçalves (orgs.), *Panorama do português oral de Maputo. Volume II: a construção de um banco de “erros”*, 35-67. Maputo: Instituto Nacional do Desenvolvimento da Educação.

Gonçalves, Perpétua. 2010. *A génese do português de Moçambique*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Gonçalves, Perpétua et alii. 1998. Estruturas gramaticais do português: problemas e exercícios. In Perpétua Gonçalves & Christopher Stroud (orgs.), *Panorama do português oral de Maputo – Volume III: estruturas*

gramaticais do português – problemas e aplicações. Cadernos de pesquisa 27 – Moçambique, 36-159. Maputo: Instituto Nacional do Desenvolvimento da Educação.

Gonçalves, Perpétua & Christopher Stroud (orgs.). 1998. *Panorama do português oral de Maputo – Volume III: estruturas gramaticais do português – problemas e aplicações. Cadernos de pesquisa N° 27 – Moçambique*. Maputo: Instituto Nacional do Desenvolvimento da Educação.

Holm, John. 2004. *Languages in contact – the partial restructuring of vernaculars*. Cambridge: Cambridge University Press.

Holm, John; Inverno, Liliana. 2005. *The vernacular Portuguese of Angola and Brazil: partial restructuring of the noun phrase*. Comunicação apresentada no Encontro Anual da Associação: *Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola*, Université d'Orléans.

John, Holm. 2012. Partial restructuring. Dutch on the Cape and Portuguese in Brazil. In: Wouden, Ton van der (Ed.). *Roots of Afrikaans – Selected writings of Hans den Besten*. U.S.A.: John Benjamins Publishing, p. 399-417.

Inverno, Liliana Cristina Coragem. 2005. Angola's transition to vernacular portuguese. Dissertação de mestrado. Universidade de Lisboa - Faculdade de Letras.

Jon-And, Anna. 2002. *Concordância de número no sintagma nominal do português de Moçambique num contexto comparativo*. Congresso Anual da ACBPPE – Associação de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola. Universidade de Lisboa, Portugal, 03-05 de Julho.

Jon-And, Anna. 2009. Concordância de número no sintagma nominal do português L2 falado em Cabo Verde. *Joint Summer Meeting of the Society of Pidgin and Creole Linguistics (SPCL) and the Associação de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola (ACBPPE)*. Universidade de Colónia, Alemanha, 11-15 de Agosto.

Lopes, Francisco João. (2011). O Bilinguismo e a Problemática da Diglossia no Processo de Letramento: o Caso de Cabo Verde e suas Diásporas. *PAPIA*. Vols. 1, N° 21. Pag. 123-136.

_____. 2012. *Para uma análise sintática das construções relativas no crioulo da ilha de São Nicolau*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de São Paulo. Manuscrito.

Oliveira, Márcia. Santos Duarte; Baio, João Paulo; Injai, Basílio Felix. 2013. A inserção do 'contínuo português guineense' às variedades africanas de português. *Revista Todas as Letras (MACKENZIE. Online)*, v. 15, p. 130-137, 2013.

Reinecke, John. E. 1937. *Marginal languages: A sociological survey of the creole languages and the trade jargons*. Yale University PH.D. Dissertation.

Santos, Eduardo F. dos; Silveira, Alfredo. 2012. Análise preliminar da palavra prosódica no português vernacular de São Tomé e Príncipe e no português falado em Angola. *PAPIA 22(1)*, p. 77-89.

Veiga, Manuel. 2004. *A Construção do Bilinguismo*. Praia: Instituto da Biblioteca Nacional do Livro.